



Foto: Acervo de LUGORI

De Luciano a LUGORI, a história de um desimportante de Curaçá

por Leonnardo Araújo

No dia 2 de janeiro do ano de 1984, no árido e fértil solo de Curaçá, sob as bênçãos do Velho Chico, e ainda envolvido de toda aquela boa energia do Ano-Novo, que remete esperança de tempo bom, um novo tempo, nasceu o fruto do amor entre dona Cleuza Gonçalves Ribeiro, uma mulher simples no sentido mais literal da palavra, dona de casa, e do policial militar Manoel Ednor Fonseca Ribeiro, Ednor de Seu Agenor, Ednor Soldado.

Batizado como Luciano Gonçalves Ribeiro, capricorniano e rebelde, brotou para vida na beira da noite no templo do próprio lar, numa pequena casa na rua Hermes Duarte Lima, *“rompendo ao mundo pelas mãos d’uma estrela que, tal qual a d’alva, encheu o ocaso da tarde de janeiro de resplendor e beleza”*, e voltando a costumes que não eram mais comuns para o seu tempo, foi puxado pelas mãos de uma parteira. Veio para contrariar e questionar certos padrões de normalidade da sociedade e por ser de natureza indomável e díspar, não se adequou a ser chamado apenas por Luciano, inovador por natureza fez a junção das iniciais próprio nome e se fez renascer como LUGORI. É irmão de Matheus Clesley Gonçalves Ribeiro.

LUGORI se adequa ao jeito “louco” de ser, do poeta, escritor, pesquisador da história e, apaixonado por sua terra, alimenta-se das narrativas históricas do seu povo, da sua gente, do seu lugar.

LUGORI, assim como prefere ser chamado, talvez seja um dos mais humanistas da contemporaneidade, autor de Enquanto Enlouqueço, livro-reportagem que escreveu homenageando aqueles que socialmente são tidos por “doidos”, marcados por estigmas, no seu escrito ele convida leitores a refletir sua própria sanidade. Aproveitando sua veia poética tão sensível, como mencionado anteriormente, ele é capaz de transpirar humanidade e gosta de escrever e laurear os que ele chama de “desimportantes”, figuras que não acumulam títulos, bens, mas são ricas de histórias que enriquecem as nossas vidas com exemplos de luta, coragem e enfrentamento da dura e cruel realidade de exclusão social que julga e segrega pessoas, “loucos”, pobres, os “diferentes”.



Encontrou em Jaqueline Isabel o ponto de equilíbrio para sua própria loucura, da sua rebeldia nata, da sua capacidade de fazer barulho, e desse amor fez surgir três frutos: Yuri Kauan, o primogênito de 2003, único que não carrega o sobrenome de Lugori por ter nascido antes desse epíteto ser utilizado em 2004; Yelena Zahara Lugori, nascida em 2014, o “docinho” dele; e Ysabel Ameerah Lugori, a caçula que veio ao mundo em tempos pandêmicos em finais de 2020; esses formam a trilogia Lugoriana.

Nunca teve receio de como homem ser frágil, chorar, declarar seu amor a amigos, bem como nunca se escondeu ou encobriu seus pensamentos, não se importando se incomodaria ou não a leitores, ouvintes, alunos, pessoas ao redor. É *“um homem que erra, que aprende com os erros, que erra novamente, que ri, que lastima, que xinga, que roga, que tem fé, que acredita e se ampara numa força maior e divina, que tem um d’eu’s imanente, que vive entre céu e o inferno, que abomina falsidade e que é leal”*.

Lugori fez Licenciatura em Ciências Biológicas, e ainda muito jovem começou a lecionar nas escolas que um dia estudou. Atuou como docente no Ivo Braga, no Manoel Novaes, no João Matos e, por fim, no José Amâncio Filho. Prestou concurso público e é servidor de carreira no Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Concluiu o curso de Jornalismo, talvez ali tenha encontrado a outra metade do Lugori que faltava; perambulou ainda, numa viagem bem rápida, pelos cursos de Direito e Ciências Sociais, mas desandou deles; hoje é mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e graduando em História. Por anos presidiu a Associação de Estudantes de Curaçá (ASSEC), é militante no movimento sindical e Diretor de Base do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente (SINDAE) e membro dos Conselhos Municipais de Defesa do Meio Ambiente (COMDEMA) e de Patrimônio Cultural. Tentou ser político (aliás, ele é!) e foi candidato a vereador por duas oportunidades, em 2008 e 2012, porém não obteve êxito. É defensor ferrenho de seus ideais e convicções, levanta as bandeiras da educação, do meio ambiente, da cultura e da história com força e coragem. Foi o idealizador do Projeto Acervo Curaçaense, hoje associação de defesa e salvaguarda do patrimônio ambiental, artístico, cultural e histórico de Curaçá.

Recentemente, metamorfoseou-se e se transformou em ator no espetáculo Paulo César com Z de Zilene, peça teatral biográfica de PC Torres, onde atuou como coprotagonista, fazendo o personagem do próprio homenageado, e mais uma vez, reafirmou sua paixão pela história viva de Curaçá e de seu povo.

Lugori é patrimônio intelectual, histórico, é nosso, é do mundo, e talvez seja o mais “desimportante” de todos os “desimportantes” que Curaçá já pariu.

“

Aproveitando sua veia poética tão sensível, [...] ele é capaz de transpirar humanidade e gosta de escrever e laurear os que ele chama de ‘desimportantes’, figuras que não cumulam títulos, bens, mas são ricas de histórias que enriquecem as nossas vidas.

Biografia apresentada durante a culminância do Projeto de Educação Patrimonial "Descortinando nossa história: um verbo de ação em três tempos".

Curaçá-Bahia, 21 de julho de 2023.



Foto: Acervo de Lugori